

Metadona na economia



JOAQUIM CUNHA*

> Miguel Cadilhe não desarma, qual senador da economia. Então este ex-ministro, nomeado pelo actual Governo para um alto cargo público, fez recentemente uma mortal comparação.

Disse ele que, tão mau ou pior que expandir a despesa pública em período de crescimento económico era querer reduzi-la em período de crise. Para bom entendedor, meia palavra basta.

No consulado Sousa Franco, a despesa pública cresceu brutalmente, bastante acima do crescimento real do produto. Deu no que temos agora em mãos. Um défice, que só se controla no imediato despedindo funcionários. Missão impossível para qualquer político de carreira.

No regime Ferreira Leite, cortar na despesa tem significado cortar nos consumíveis, nos papéis, nas

bagatelas, às vezes vistosas. Mas que nada de facto mudam. E que deixam sem meios e sem dignidade uma infinidade de entidades públicas, sem dinheiro para as fotocópias.

O pior é que, no regime Ferreira Leite, cortar na despesa desta forma tem algumas consequências internas complicadas, tais como: manter funcionários com horizontes estagnados; não lhes dar meios de trabalho; paralisar por inoperância instituições públicas; ignorar na prática qualquer reforma digna desse nome.

Neste regime de vacas magras, o pior mesmo é que se cortou a metadona ao drogado. O peso do Estado na economia é enorme. Ora, se o Estado não aumenta os funcionários, o consumo diminui. Se não contrata mais, o desemprego aumenta. Se não compra mais, a economia que dele vive em crise fica.

Ora mesmo que não sejamos a favor desta libera-

lização das drogas, temos que reconhecer alguma razão a Miguel Cadilhe. Se o Estado não compra, e pior, se não paga atempadamente, a economia, dele dependente, ressentir-se. Se as exportações, que se pretendia aumentassem num passe de mágica orçamental, estagnam como reflexo da competitividade ou falta dela, nacional e europeia, então só o consumo podia levar tão frágil retoma.

Foi isto que Miguel Cadilhe amplificou. Pois tem galões que dão direito a holofotes insuspeitos.

O trabalho do ministro das Finanças é o de zelar pelo equilíbrio dos grandes agregados macroeconómicos, o que não prevê baixar o PIB para equilibrar o orçamento. E é deste estrangular da economia que falava Miguel Cadilhe. Será que o primeiro-ministro leu o que ele disse?

* Presidente da PME-Portugal
presidente@pmeportugal.com.pt